

Instituto Oncoguia

Einstein é autorizado a processar células CAR-T para tratamento de câncer

- **Equipe Oncoguia**
- - Data de cadastro: 11/07/2022 - Data de atualização: 11/07/2022



O Hospital Israelita Albert Einstein anunciou ter recebido, na última sexta-feira (9), aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para processar células CAR-T no tratamento de pacientes com linfomas de células B e leucemias linfocíticas agudas ou crônicas B, em casos de reaparecimento da doença ou em situações de resistência ao tratamento padrão.

Neste tipo de tratamento, as células T, que atuam na defesa do organismo, são retiradas do sangue e alteradas geneticamente para que se encaixem na superfície das partículas cancerosas e possam atacá-las. O material é multiplicado em laboratório e reinserido no paciente.

Ou seja, a técnica utilizada consiste em reprogramar geneticamente células do sistema de defesa do próprio paciente, caso dos linfócitos T, para reconhecer e combater seu tumor.

"O tamanho dessa aprovação é enorme porque é a primeira vez que ocorre para um projeto acadêmico", diz Nelson Hamerschlak, hematologista, coordenador do Programa de Hematologia e Transplantes de Medula Óssea do Einstein. "Foi uma surpresa muito boa."

A expectativa é que dez pessoas, de um grupo com 30 pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), dentro do projeto do Proadi-SUS —parceria entre o Ministério da Saúde e seis hospitais de referência para pesquisa—, comecem a receber o tratamento em um ou dois meses.

Atualmente, o material coletado, lembra Hamerschlak, precisa ser enviado para laboratórios farmacêuticos nos Estados Unidos, onde as células são alteradas geneticamente. E só serão reimplantadas entre três a quatro meses depois, diz o médico. Neste período, o paciente é submetido a tratamentos intermediários.

Com a "nacionalização" do procedimento à beira do leito, a expectativa é que as células modificadas geneticamente sejam reimplantadas no paciente em até 12 dias.

Segundo ele, foram entre dois e três anos de trabalho de uma equipe de mais de dez pessoas para que o projeto pudesse cumprir todos os requisitos exigidos pela agência sanitária.

Questionada no início da tarde deste domingo (10) sobre a aprovação, a Anvisa não respondeu até a publicação desta reportagem.

Outra vantagem, afirma o especialista, é a redução de aproximadamente 90% nos gastos em relação à a operação internacionalizada. Segundo Hamerschlak, o procedimento hoje custa entre US\$ 350 mil (R\$ 1,84 milhão) e US\$ 450 mil (R\$ 2,37 milhões). "Dá para cair para até US\$ 30 mil [R\$ 158 mil]".

"Isso vai propiciar que o procedimento possa ser mais amplamente utilizado num país como o nosso principalmente para pacientes do SUS", afirma.

No mês passado, o governo estadual lançou um programa para tratamento de câncer baseado em tecnologia celular com estimativa de que até 300 pacientes sejam atendidos por ano.

O programa do governo é fruto de estudo que vem sendo desenvolvido entre o Instituto Butantan, a USP (Universidade de São Paulo) e o Hemocentro de Ribeirão Preto, no interior paulista.

Durante a apresentação do projeto, Dimas Covas, presidente do Butantan frisou a possibilidade de cura com a terapia celular, o que o especialista do Einstein reforça.

Hamerschlak afirma que o resultado do tratamento em leucemias agudas "que não responderam à nada", pode chegar a mais de 80% de cura. "E o em linfomas pode alcançar em torno de 50%. É um procedimento importante", diz.

O estudo clínico contou com a participação de diversas frentes do hospital, como a área de Hemoterapia e Terapia Celular, a Unidade de Transplantes de Medula Óssea, o Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa e a Academic Research Organization (ARO), do próprio Einstein.

As primeiras pessoas começarão a ser tratadas a partir da chegada de insumos, que serão produzidos a partir da liberação da Anivsa.

Para o hematologista, a tendência é que esse tipo de tratamento cresça muito. Ele lembra que existem estudos para uso de células de doadores. "Isso poderia ficar numa 'prateleira' para ser utilizado."

Também há pesquisas para combate a outros tipos de câncer, como tumores pediátricos e de mama com o processo de células CAR-T.

A terapia celular foi desenvolvida nos Estados Unidos há cerca de cinco anos. Lá, estudos clínicos recebem pacientes locais e de outros países. Em março de 2021, a FDA (agência regulatória dos EUA) aprovou o uso dessa tecnologia em pessoas com mieloma múltiplo, tipo de câncer que tem início na medula óssea.

O primeiro registro aprovado pela Anivsa para a terapia, mas voltado à iniciativa privada, foi em fevereiro passado. A autorização foi dada para a empresa Novartis Biociências. Em abril, a liberação acabou dada para a Janssen-Cilag Farmacêutica.

No Brasil, a técnica é utilizada até o momento apenas de forma experimental. Ela foi testada pela primeira vez no país em Ribeirão Preto, em 2019, na Faculdade de Medicina da USP. O paciente foi Vamberto Luiz de Castro, na época com 62 anos, diagnosticado com linfoma não Hodgkin de células B.

Fonte: Folha de S. Paulo

As opiniões contidas nas matérias divulgadas refletem unicamente a opinião do veículo, não caracterizando endosso, recomendação ou favorecimento por parte do Instituto Oncoguia.

A informação contida neste portal está disponível com objetivo estritamente educacional. Em hipótese alguma pretende substituir a consulta médica, a realização de exames e ou, o tratamento médico. Em caso de dúvidas fale com seu médico, ele poderá esclarecer todas as suas perguntas. O acesso a Informação é um direito seu: Fique informado.

O conteúdo editorial do Portal Oncoguia não apresenta nenhuma relação comercial com os patrocinadores do Portal, assim como com a publicidade veiculada no site.

© 2003 - 2022 Instituto Oncoguia . Todos direitos reservados